

COIMBRA • 2016

61

BOLETIM DE

**ESTUDOS
CLÁSSICOS**

ASSOCIAÇÃO
PORTUGUESA
DE ESTUDOS
CLÁSSICOS

INSTITUTO
DE ESTUDOS
CLÁSSICOS

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

CONTRIBUTO PARA O ESTUDO DO ESTILO DO *OEDIPUS* DE SÊNECA¹

CONTRIBUTION TO THE STUDY OF SENEKAN *OEDIPUS*' STYLE

PAULO SÉRGIO MARGARIDO FERREIRA
CECH – UNIVERSIDADE DE COIMBRA
paulusergius@yahoo.com

Resumo: O artigo procura perceber em que medida está o estilo senequiano do prólogo ao serviço da caracterização de Édipo como uma personagem dominada pelo medo, pela vergonha, pela falta de autoconfiança, por certo isolamento social e pela divisão interior, e, ao cabo, por um processo de estranhamento que impede a identificação do público com a personagem e nele suscita uma atitude de distanciamento crítico e racional relativamente aos *affectus* desta.

Palavras-chave: medo; vergonha; falta de autoconfiança; retórica; estranhamento; sínquise; anástrofe; hipérbato; quiasmo.

Abstract: The article aims to understand the extent to which the Senecan style of the prologue is at the service of Oedipus' characterization as a person dominated by fear, shame, lack of self-confidence, social isolation and inner division, and, ultimately, by a process of *Verfremdung*, 'distancing effect', that prevents the identification of the public with the character and raises in him an attitude of critical and rational distance from the *affectus* of the same identification.

1 A adaptação ao AO 1990 é da minha responsabilidade. Trabalho desenvolvido no âmbito do projeto UID/ELT/00196/2013, financiado pela FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

Keywords: fear; shame; lack of self-confidence; rhetoric; distancing effect; synchysis; anastrophe; hyperbaton; chiasmus.

Em *Ars* 147-8, recomendava Horácio que se não começasse a Guerra de Troia *ab ovo*, “pelos dois ovos”, e que se arrebatasse o ouvinte *in medias res*, “para o meio dos acontecimentos”. Na maior parte das tragédias de Séneca – e destas excluo o *Hercules Oetaeus* e a *Octavia* –, as personagens que recitam o prólogo (*prologizantes*) e/ou participam em outros momentos da ação, recordam os *antefacta* não só para contextualizarem o que vai suceder durante uma revolução do sol, mas também para enquadrarem o herói numa determinada tradição criminosa familiar e lançarem o público *in medios affectus*, isto é, para um irreversível estado de desequilíbrio emocional da personagem principal. O prólogo do *Hercules Furens* e o do *Agamemnon* são respetivamente recitados por Juno e pelo Espetro de Tiestes; no *Thyestes*, o Espetro de Tântalo dialoga com uma *Furia*; o prólogo das *Troades* e o da *Medea* estão respetivamente a cargo de Hécuba e de Medeia; o da *Phaedra* comporta uma monódia de Hipólito e uma cena *domina – nutrix* (com Fedra e a Ama); e o do *Oedipus*, um monólogo de Édipo pontualmente interrompido por Jocasta.

As *declamationes* dividiam-se em dois tipos: as *suasoriae* deliberativas, onde o aprendiz de orador desempenhava o papel de confidente ou da própria personagem mítica ou histórica que, em situações-limite, tinha de tomar uma decisão perante várias opções, e as *controuersiae* judiciais, onde, no papel de litigantes ou de advogados em processos imaginários, os oradores discutiam dos mais diversos pontos de vista e com argumentos por vezes contraditórios, rebuscadas questões morais e legais. Se o pai de Séneca foi autor de *declamationes*, o Trágico não só nelas foi educado como delas fez uso nas suas tragédias. Mas, além de presidir aos *agones* dramáticos entre as personagens, como o que se verifica no ato II das *Troades*, entre Pirro e Agamémnon, onde *deliberant principes an Polyxena Achillis cineribus immolanda sit*, a retórica também

está presente no modo como as personagens se exprimem, nomeadamente no recurso a figuras de estilo. Um dos passos senequianos que mais uso faz de figuras retóricas para caracterizar a personagem principal como alguém ansioso e sem grandes laços sociais, é o prólogo do *Oedipus*, de que consideraremos os primeiros 36 versos:

{OEDIPVS} Iam nocte Titan dubius expulsa redit
et nube maestum squalida exoritur iubar,
lumenque flamma triste luctifica gerens
prospiciet auida peste solatas domos,
stragemque quam nox fecit ostendet dies. 5
Quisquamne regno gaudet? O fallax bonum,
quantum malorum fronte quam blanda tegis!
Vt alta uentos semper excipiunt iuga
rupemque saxis uasta dirimentem freta
quamuis quieti uerberat fluctus maris, 10
imperia sic excelsa Fortunae obiacent.
Quam bene parentis scepra Polybi fugeram!
Curis solutus exul, intrepidus uagans
(caelum deosque testor) in regnum incidi;
infanda timeo: ne mea genitor manu 15
perimatur; hoc me Delphicae laurus monent,
aliudque nobis maius indicunt scelus.
Est maius aliquod patre mactato nefas?
Pro misera pietas (eloqui fatum pudet),
thalamos parentis Phoebus et diros toros 20
gnato minatur impia incestos face.
Hic me paternis expulit regnis timor,
hoc ego penates profugus excessi meos:
parum ipse fidens mihimet in tuto tua,
natura, posui iura. Cum magna horreas, 25
quod posse fieri non putes metuas tamen:
cuncta expauesco meque non credo mihi.
Iam iam aliquid in nos fata moliri parant.

107

Nam quid rear quod ista Cadmeae lues
 infesta genti strage tam late edita 30
 mihi parcit uni? Cui reseruamur malo?
 Inter ruinas urbis et semper nouis
 deflenda lacrimis funera ac populi struem
 incolumis asto – scilicet Phoebi reus.
 Sperare poteras sceleribus tantis dari 35
 regnum salubre? Fecimus caelum nocens.²

iam – termo que, com três ocorrências no passo em análise e 27 no total da peça, marca o auge de uma sequência de acontecimentos trágicos e, para o público, talvez sugerisse a atualidade dos temas tratados (Boyle 2011: 104 ad loc. e LXXXIII)

nocte Titan dubius expulsa – quiasmo (Lausberg § 392; Boyle 2011: 104 ad loc.).

108 Embora a ideia de expulsão da noite pelo amanhecer seja um cliché poético, a verdade é que, da referida noite, se não pode dissociar a futura cegueira de Édipo (cf. *Oed.* 977).

Titã, na tradição mais antiga, era Hipérion, divindade pré-olímpica e pai de Hélio (Sol) (Hesíodo, *Th.* 371-4), mas, pelo menos na poesia latina, foi identificado com o próprio Sol (Ovídio, *Met.* 8. 565), e, enquanto Febo Apolo, será interpelado no final da peça (cf. 1042-6). Como Titã regressa (*redit*), Édipo tinha regressado à sua Tebas.

nube maestum squalida exoritur iubar, lumenque flamma triste luctifica gerens – sínquise quiástica (Lausberg § 392, 1 b). Da sínquise afirma Lausberg (§ 334) que “a finalidade.... é, por um lado, o jogo com a *obscuritas* (§ 132, 1), o qual provoca o estranhamento (§ 164), e, por outro, a observação dos preceitos da *compositio* (§ 448).” Se se tomar em consideração que existe uma *obscuritas* sem direção, isto é, totalmente incompreensível, e outra “indecisa quanto à direção”, facilmente se percebe que a relutância do Sol em mostrar os seus raios reflete as

2 Lição de Zwierlein 1986: 213-214.

dúvidas do próprio protagonista quanto à situação em que se encontra. O inesperado da situação tem reflexo na própria estrutura sintática de que se serve Édipo para dar conta do seu estranhamento (Lausberg § 84), isto é, do choque psíquico que as circunstâncias exteriores lhe provocam.

Ao considerar a importância do contexto e do hipertexto para a compreensão do texto literário, escreve Iser: “O formalismo russo compreendia o texto literário como função da desautomatização da percepção, para que “desta maneira se obtivesse um novo modo de ver as coisas e, assim, se corrigisse a própria relação com o mundo”. Era para isso necessário compreender o agenciamento das estruturas do texto como um modo operatório contrário à percepção, para que, por meio do estranhamento (*Verfremdung*), a atenção intensificada se sobrepusesse à automatização de nosso acesso ao mundo.”³

Com a *Verfremdung* formalista tem a de Brecht óbvias afinidades, conforme se depreende deste passo de um manifesto de 1930: “El actor tiene que distanciar del espectador los personajes y los acontecimientos de modo que éstos le llamen la atención. El espectador tiene que tomar partido en vez de identificarse.”⁴ Em contraste com a perspectiva paradigmática, adotada por Platão, Séneca e Brecht, a catártica de Aristóteles implicava precisamente parcial identificação, para que o público pudesse sentir temor e compaixão.

nube... squalida – ablativo (instrumental) de companhia (Boyle 2011: 105 ad loc.; mas Ernout & Thomas § 113 realçam a tendência para usar *cum* com ablativo na formação do c. c. de companhia); ou ablativo de origem (Ernout & Thomas § 105; cf. trad. de Paduano 2004: 41: “il mes- to raggio emerge da nubi oscuré”); ou, mais provavelmente, ablativo de meio (Ernout & Thomas §§ 113-117; cf. trad. Luque Moreno 1980: 96: “surge su luminária, sin fuerza, tras negruscos nubarrones; Fich

3 Iser 1983: 372.

4 Brecht 1999: 269. O manifesto intitula-se “A pequena e a grande pedagogia”.

2004: 19: “his beams made gloomy by filthy clouds”). Na expressão é óbvia a referência ao fumo que se evola das incontáveis piras funerárias.

nox fecit ostendet dies – quiasmo (Lausberg § 392)

Quisquamne regno gaudet? – pergunta retórica (Lausberg § 445); ironia, *dissimulatio* (Lausberg § 428. 1); sarcasmo (Boyle 2011: 107 ad loc.)

O fallax bonum – apóstrofe (v. *Ag.* 57 s.)

Quantum malorum fronte quam blanda tegis! – exclamação; *quantum.... quam*, figura etimológica; *malorum*, genitivo partitivo

ut alta uentos.... sic excelsa Fortunae obiacent – símile épico tão do gosto de Séneca (Lausberg § 400; Boyle 2004: 108-9 ad loc.)

Vt alta uentos semper excipiunt iuga/ rupemque saxis uasta dirimentem freta – sínquise (Lausberg § 334) = anástrofe [*uentos semper excipiunt* (Lausberg § 330, 2)] + hipérbatos [*alta uentos semper excipiunt iuga/ rupemque saxis uasta dirimentum freta* (Lausberg § 331)]

Se, no passo citado, se comparam aos altos cumes, atingidos pelos ventos, e ao rochedo que com seus escolhos divide o mar, os elevados cargos que aos embates da Fortuna se expõem, em *Dial.* 2. 3. 5, os *scopuli uerberati* constituem, pela sua constância, o termo de comparação para a força de espírito do *sapiens* estoico e, por conseguinte, um modelo a seguir por quem quiser alcançar a sabedoria (Boyle 2011: 109 ad loc.).

quamuis quieti – aliteração típica do estilo de Séneca (Lausberg § 458; Boyle 2011: 109 ad loc.)

Fortunae obiacent – *objacere* com dativo (cf. *obicere* com dativo em Ernout & Thomas § 87)

Inicialmente deusa da fertilidade italiana, a *Fortuna* foi identificada com a grega *Tyche*. Havia dois grandes centros de culto à deusa, um em Preneste, com santuário mandado construir por Sula na primeira metade do séc. I a.C., e outro em Âncio. Alguns acreditavam que certos monumentos romanos à deusa remontavam a Sêrvio Túlio (séc. VI a.C.). Júlio César e Nero de tal modo se cuidaram protegidos da deusa (Luc. 1. 226, 5. 677, 696-7, Plut., *Mor.* 319b-d; Séneca, *Cl.* 1. 1. 2, [Séneca,] *Oct.* 451), que o último integrou um monumento a ela dedicado na

Domus Aurea que mandou construir depois do grande incêndio de 64 d.C. (Plínio, *Nat.* 36. 163). O tema da instabilidade da Fortuna era caro aos tragediógrafos (Énio, *Traq. Inc.* frg. CLXXV, 338-40 Jocelyn, Pacúvio, *Inc.* frg. XIV, 366-76 Klotz, Ácio, *Andromeda*, frg. VII, 109-10 Klotz) e aos oradores (Sêneca-o-Velho, *Con.* 2. 1. 1 e 9, *Suas.* 1. 9).

A *fortuna*, o *fatum* e a *diuina ratio* são, segundo *Ben.* 4. 8, a mesma coisa; a *natura*, de acordo com *Phaed.* 959 ss., opõe-se a *fortuna*; em *Oed.* 825, admite Jocasta a intervenção da *ratio* ou da *fortuna* na ocultação do sucedido; o sábio estoico não procurava o favor da Fortuna (*Ep.* 72. 4; cf. Catão em *Ep.* 118. 4). O Édipo sofocliano dissera-se ironicamente “filho da Fortuna” (παῖδα τῆς Τύχης, *OT* 1080).

parentis scepra Polybi – hipérbato (Lausberg § 331); *scepra* – metonímia por *regnum*, ‘realeza’, e *imperium*, ‘poder’ (Lausberg § 224; Boyle 2011: 111 ad loc.; sobre o *sceptrum* enquanto símbolo de realeza, autoridade patriarcal, e poder político e sexual, v. *Oed.* 105, 241, 513, 635, 642, 670, 691, 705)

Embora uns dissessem que Édipo tinha sido lançado ao mar numa cesta, em Corinto ou em Sícion, e recolhido pela rainha Peribeia, mulher de Pólibo, rei de Corinto; e ainda que outros identifiquem Pólibo como rei de Sícion, Antédon ou Plateias, que tinha dado a filha (Lisianassa ou Lisímaca) em casamento a Tálao, rei de Argos (Grimal 1999: 381 s. v. “Édipo” e “Pólibo”) – o Édipo de Sêneca informa que Pólibo era casado com Mérope (*Oed.* 272), e o Ancião de Corinto diz a Édipo que o tinha recebido de um pastor junto do cume nevado do Citéron (*Oed.* 807-8, cf. 845 ss.). Enquanto Édipo de Sófocles se identificava pelo nome em 8, o de Sêneca só o fará em 216.

Polybi fugeram – espondeu (--) formado pela última sílaba da primeira palavra e a primeira da segunda. Trata-se do quinto pé de um senário iâmbico (Nougaret § 164). A presença de cesura no referido pé, que se repete nos quintos pés de *Oed.* 78, 89, 965 e 1014, é uma exceção à lei de Porson, que não admite cesura num quinto pé espondeico de um senário iâmbico (Boyle 2011: 111 ad loc.)

Curis solutus – anástrofe (Lausberg § 330, 1)

solutus exul, intrepidus uagans – assíndeto (Lausberg § 328, 1, a; Boyle 2011: 112 ad loc.)

caelum deosque testor – importância do parêntese (Lausberg § 414), que, enquanto figura do pensamento, tem correspondência no hipérbato (figura elocutionis; Lausberg § 331)

in regnum incidi; / infanda – aliteração (Lausberg § 458) em expressão algo redundante; cf. *ne in matrem incidas* (Oed. 1051).

infanda timeo – cf. *iam fero infandissima/ iam facere cogor* (Vário, *Thyestes*; Boyle 2011: 112 ad loc.).

mea genitor manu/ perimatur – hipérbato (Lausberg § 331); aliteração, mitacismo (Lausberg § 458). Embora *genitor* se refira ao pai de Édipo, a proximidade de *mea*, que concorda gramaticalmente com *manu*, não pode deixar de nos remeter para a morte de Jocasta.

Delphicae laurus – as folhas de louro que a sacerdotisa do santuário de Apolo em Delfos mastigava para entrar em transe. O loureiro era a árvore do deus. Apolo pertencia à segunda geração de Olímpicos, era filho de Zeus e Latona e irmão de Ártemis, e muitas vezes aparecia designado pelo epíteto “Febo”, ‘o Brillhante’.

aliudque nobis maius indicunt scelus./ Est maius aliquod patre mactato nefas? – hipérbatos (Lausberg § 331) e quiasmo (Lausberg §§ 392 ss.); *.... maius..../ maius.... patre mactato* – comparativo intensivo e comparativo com segundo termo de comparação em ablativo (Ernout & Thomas §§ 193-196).

pro misera pietas – *pro* com vocativo em expressão exclamativa (Boyle 2011: 115 ad loc.). Ironia trágica (cf. 796) e teste a um dos valores mais importantes da moral tradicional romana (cf. *pietas erga deos, patriam et parentes* de Eneias). Havia em Roma templos dedicados à *Pietas*.

eloqui fatum pudet – parêntese (Lausberg § 414). Boyle 2011: 115 ad loc. registra vinte e sete ocorrências de *fatum* e três de *fatidicus*, e recorda que a derradeira ode coral é dedicada ao poder do destino (980-94). Em *Nat.* 2. 45. 1-3, Séneca identifica com o *fatum* (lit.: ‘o que foi dito’),

‘destino’, Júpiter, a “causa das causas” (*causa causarum*), a “providência” (*providentia*), a “natureza” (*natura*) e o “mundo” (*mundus*). Uma boa síntese do pensamento estoico acerca do determinismo do destino ocorre em *Ep.* 107. 11, quando, depois de citar com aprovação e em tradução livre quatro versos de Cleantes (*S. V. F.* 1. 527), Séneca ainda lhe atribui a seguinte sentença: *Ducunt uolentem fata, nolentem trahunt.*

patre.... / ... pietas.... pudet), / ...parentis – aliteração em p (Lausberg § 458; Boyle 2011: 116)

thalamos.... toros/ ... face, metonímias por ‘casamento’ (Lausberg § 224; Boyle 2011: 116)

diros toros/ gnato minatur – anástrofe (Lausberg § 330, 2)

minatur impia incestos – aliteração (iotacismo; Lausberg § 458)

hic me paternis expulit regnis timor – sínquise quiástica (Lausberg § 334 e 392, 1 b) [*me.... expulit*, anáfora (Lausberg § 330, 2); *hic.... timor*, hipérbato; *paternis.... regnis*, hipérbato (Lausberg § 331)]

hic me / hoc ego.... – poliptoto (Lausberg § 280)

hoc – ablativo de meio com valor causal (Ernout & Thomas § 116; Boyle 2011: 117 ad loc.)

ego.... meos/ ... ipse.... mihimet – uso expressivo do pronome pessoal no nominativo e no dativo reforçado (Ernout § 156). Além de se poderem reforçar com a partícula *-met* (*egomet, memet, nosmet, sibimet*), os pronomes pessoais ainda o podem fazer com *-te* (*tute, tete*), *-pse* (*sepse*) e *-pte* (*mihipte*). Note-se o recurso à primeira pessoa do pronome pessoal e do possessivo, bem como ao demonstrativo, para realçar o medo e a culpa de quem fala (Édipo).

penates – os Penates, cujo nome provém de *penus* ‘provisões’, ‘despensa’ de uma casa (Cícero, *N. D.* 2. 68) ou do facto de residirem nos recessos da casa (*penitus*), eram os deuses da despensa e do larário, mas, apesar de ligados a Vesta, não se confundem com os Lares e, no passo em análise, designam, por metonímia, toda a habitação a que conferem uma dimensão quase religiosa (Grimal 1999: 364 s. v.; Boyle 2011: 117 ad loc.).

fidens mihimet – verbos com dativo (Ernout & Thomas § 78). O verbo *fidere*, no sentido de “experimentar a confiança graças a qualquer coisa”, constrói-se com ablativo instrumental (Ernout & Thomas § 90).

in tuto tua, / natura – aliteração em *t* (Lausberg § 458); uso de *in* com adjetivo substantivado (Boyle 2011: 117 ad loc.; cf. *in extremis*, 58; *in ambiguo*, 208; *in alto*, 330; *in apertum*, 622; *in uacuo*, 967).

Uma das recomendações mais frequentes de Zenão e Cleantes em diante (D. L. 7. 87) e na obra senequiana é a que passa por *naturam sequi* (*Ep.* 5. 6, 41. 9, 90. 4, 90. 16; cf. Cícero, *Off.* 1. 100), mas não se trata de *natura* em sentido biológico, que nos torna semelhantes aos animais e faz da expressão citada um apelo à satisfação das “necessidades naturais” (*Phaed.* 352, *Dial.* 9. 9, 12. 10, 12. 13. 3, *Ep.* 4. 10), mas como *ratio*, que deles nos distingue, nos permite subjugar e controlar os *affectus*, que regula os laços de parentesco e faz do parricídio e do incesto comportamentos moral, jurídica e socialmente reprováveis.

114 *horreas, / putes metuas* – expressão do sujeito indeterminado por meio da segunda pessoa do singular do conjuntivo potencial, isto é, da chamada segunda pessoa genérica (Ernout & Thomas § 170 c; Boyle 2011: 119 ad loc.).

Cum magna horreas, / quod posse fieri non putes metuas tamen – sentença (Lausberg § 398)

O recurso a palavras como *timeo* (15), *timor* (22), *horreas* (25), *metuas* (26), *expauesco* (27), revela bem a natureza do *affectus* que toma conta de Édipo.

meque non credo mihi – lit.: “e me não confio a mim mesmo”; poliptoto (Lausberg § 280)

iam iam – *geminatio* emotiva no princípio (Lausberg § 246; Boyle 2011: 119 ad loc.)

in nos – centralidade da expressão no verso. Se, a propósito de *meque non credo mihi*, notara Boyle 2011: 119 ad loc. que “Oedipus’ fear produces a divided self”, é possível que o uso do plural *nos* ecoe essa divisão. Mas o mais provável é tratar-se de um plural de modéstia que reflete

a falta de autoconfiança e os receios da personagem. Estamos ainda perante uma sinédoque de longo alcance, onde o singular é expresso pelo plural (Lausberg § 196).

rear – conjuntivo deliberativo (Ernout & Thomas § 259)

Cadmeae.../... genti - Filho de Agenor (ou, segundo outros, de Fénix, ou ainda, de acordo com tradição beócia tardia, de Ógigo) e de Telefaassa (ou, segundo outros, de Argíope), e irmão de Cílix e de Europa, foi Cadmo um dos filhos que o primeiro enviou de Tiro em busca da referida irmã, raptada por Zeus (Júpiter). Dirigiu-se, com a mãe, para a Trácia, e, bem acolhido pelos habitantes locais e após a morte de sua mãe, consultou o oráculo de Delfos, que lhe ordenou a suspensão da busca de Europa e a fundação de uma cidade onde uma vaca que haveria de perseguir, esgotada pelo cansaço, caísse por terra. Ao atravessar a Fócida, deparou, entre as manadas de Pélagon, filho de Anfídamas, com uma vaca com um disco branco em forma de lua cheia em cada flanco, que o conduziu pela Beócia à futura Tebas. A expressão senequiana recorda o início do *Oedipus Tyrannus* de Sófocles (Ἦ τέκνα, Κάδμου τοῦ πάλαι νέα τροφή, 1), que, por sua vez, já evocava o dos *Septem contra Thebas* de Ésquilo (Κάδμου πολῖται, 1).

strage.... edita – ablativo absoluto com sentido concessivo (Ernout & Thomas §§ 126-127; Boyle 2011: 120 ad loc.)

mihi parcit uni – aliteração em i (iotacismo; Lausberg § 458). O Édipo do OT sofocliano tinha esperado pelos versos 1455-7 para ver no facto de a peste ter poupado a família real um indício de que estaria reservado para um terrível mal.

inter ruinas – uso concessivo e retórico de *inter* (cf. Séneca, *Ag.* 19, *Med.* 649; Boyle 2011: 120 ad loc.)

et semper nous/ deflenda lacrimis funera – sínquise quiástica (Lausberg § 392, 1 b)

nous/ ... lacrimis – ablativo de meio (instrumental; Ernout & Thomas § 113)

populi struem – anástrofe (Lausberg § 330, 1)

Phoebi reus – importância da linguagem jurídica em toda a peça (cf. 371, 660-4, 695-9, 707, 875-8, 915-17, 926-7, 934, 936-47, 976, 1001, 1019, 1044-5; Boyle 2011: lxxvi-lxxx). Embora Jocasta atribua ao destino a responsabilidade pela situação vivida (*Fati ista culpa est. Nemo fit fato nocens.* 1019), a verdade é que, sob o domínio do medo e da vergonha, Édipo se sente culpado desde o início da peça. Tão importantes quanto os passos em que Édipo recorre à linguagem jurídica para se dizer culpado são aqueles em que a personagem começa a definir os contornos do castigo em termos que claramente remetem para um regresso ao seio materno e para a *poena cullei* que a lei romana reservava aos parricidas (945-7, 949-51):

<p>[...] <i>Iterum uiuere atque iterum mori liceat, renasci semper ut totiens noua supplicia pendas – utere ingenio, miser: mors eligatur longa. Quaeratur uia qua nec sepultis mixtus et uiuis tamen exemptus erres: morere, sed citra patrem.</i></p>	<p>[...] Possas tu de novo viver e de novo morrer, renascer sempre para que cada [vez sofras novos suplícios – usa de engenho, infeliz: a morte se eleja longa. Busque-se a via pela qual nem com sepultos misturado e devius contudo excluído, erres: morre, mas aquém de teu pai.</p>
---	---

116

A *poena cullei* consistia no encerramento do parricida em saco de couro – segundo algumas fontes, com um cão, um galo, uma serpente e um macaco (*Digesta* 48. 9. 9), mas Cícero não refere os animais – e no lançamento do referido saco ao rio. Sexto Róscio Amerino tinha sido acusado de assassinar o pai, e, em defesa do seu constituinte, em 80 a.C. (*S. Rosc.* 70-2), Cícero realçou a sabedoria dos antigos que, por meio do castigo do saco, privavam o parricida do que o pai lhe tinha dado e de tudo quanto era fonte de vida (céu, sol, água e terra), impediam a exposição aos animais selvagens, a contaminação destes e das águas usadas na purificação de toda a mancha, o contacto das

ossadas com a terra e o descanso do cadáver em escolhos marítimos fustigados por ondas. É certo que o Édipo senequiano se não refere aos contornos precisos da *poena cullei*, mas, como sucede com esta, alude à exclusão do mundo dos vivos e do reino dos mortos, bem como à falta do repouso que costuma ser apanágio da morada terrestre dos defuntos. E se dúvidas restassem quanto à inspiração senequiana para a configuração da pena de Édipo, talvez o facto de, nas *Phoen.* 358-62, a personagem se propor esconder o seu corpo na cavidade de uma rocha ou na espessura da folhagem, e, qual demiurgo da destruição da sua casa, ouvir os sons da guerra entre Etéocles e Polinices, contribua para a dissipar.

poteras – segunda pessoa genérica e pessoa usada nos monólogos das personagens senequianas para se interpelarem a si próprias (cf. 933-4, *Tro.* 607-8, 870, *Phoen.* 178-80, *Ag.* 114-24, Boyle 2011: 121)

fecimus – ver o que se disse acerca de *in nos*.

Édipo

Já, expulsa a noite, Titã hesitante regressa,
e por névoa imunda surge lúgubre claridade,
e, ao gerar luz triste, uma enlutada flama
contemplará as casas que a ávida peste assolou
e o estrago que a noite fez, o ostentará o dia. 5
Pode alguém da realeza se gozar? Ó falaz bem,
quantos males sob fronte tão sedutora encobres!
Como os altos cumes sempre apanham vento
e ao rochedo, que com escolhos corta o vasto pélago,
o fustiga a ondulação do mar inda que calmo, 10
poderes assim excelsos à Fortuna se expõem.
Que bom foi ter fugido do cetro de meu pai Pólibo!
De cuidados livre, êxul, sem temor, errante
(por céu e deuses o juro) neste trono caí;
infando é o que temo: que meu pai a minha mão 15

pereça; disto me advertem os délficos louros,
 e de outro crime ainda maior me notificam.
 Há alguma infâmia maior do que um parricídio?
 Oh! Infeliz amor de filho! De dizer os fados me envergonho.
 Com o leito da mãe e horrendas núpcias, Febo 20
 o filho ameaça de incesto sob ímpia tocha.
 Este temor me expulsou do reino de meu pai,
 por isso eu abandonei, em fuga, meus Penates:
 pouco seguro de mim mesmo, eu próprio pus, Natureza,
 tuas leis a salvo. Quando se sente horror a grande mal, 25
 inda que se cuide impossível, deve contudo ser temido.
 Tudo receio e não me fio de mim mesmo.
 Já, já se aprestam os fados a urdir algo contra mim.
 Pois que hei de eu pensar quando esta peste, que infesta
 a raça de Cadmo e carnificina tão grande produz, 30
 só a mim poupa? Para que mal estarei reservado?
 Entre ruínas da cidade, funerais que reclamam
 prantos de lágrimas sempre novas, e pilhas de gente,
 incólume me mantenho – sem dúvida, réu de Febo.
 Podias esperar que por crimes tais te fosse dado 35
 um reino salubre? Fui eu quem tornou o ar nocivo.

BIBLIOGRAFIA

- Boyle, A. J. (2011), *Seneca. Oedipus*. Edited with Introduction, Translation and Commentary, Oxford.
- Brecht, B. (1999), “Escritos sobre teatro,” in José A. Sánchez ed., *La escena moderna. Manifiestos y textos sobre teatro de la época de vanguardias*. Madrid, 263-74.
- Ernout, A. (1989, 4ª ed.), *Morphologie historique du latin*. Paris.
- Ernout, A. & Thomas, Fr. (1953, 2ª ed.), *Syntaxe Latine* (8ª tirage, 1993). Paris.

- Fitch, J. (2004), *Seneca. Oedipus. Agamemnon. Thyestes; [Seneca]. Hercules on Oeta, Octauia*. Cambridge (Mass.) – London (England).
- Grimal, P. (1999, 3.^a ed.), *Dicionário da Mitologia Grega e Romana* (coord. da ed. portuguesa, Victor Jabouille; ed. francesa 1951). Lisboa.
- Iser, W. (1983, 2.^a ed.), “Problemas da teoria da literatura actual: o imaginário e os conceitos-chave da época”, in Luiz Costa Lima (ed. e trad.), *Teoria da literatura em suas fontes*, Rio de Janeiro, 259-83.
- Lausberg, H. (1993, 4.^a ed.), *Elementos de Retórica Literária*. Lisboa.
- Luque Moreno, J. (1980), *Séneca. Tragedias II* (2.^a reimpr., 1999). Madrid.
- Nougaret, L. (1986, 4.^{ème} ed.), *Traité de Métrique Latine Clássique*. Paris.
- Paduano, G. (2004, 5.^a ed.), *Seneca. Edipo*. Milano.
- Zwierlein, O. (1986), *L. Annaei Senecae Tragoediae; Incertorum Auctorum Hercules [Oetaeus], Octauia*. Oxford.